

AQUELE ASSUNTO TRANCADO NO ARMÁRIO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*THAT SUBJECT HANGED IN
THE CLOSET: SOME
CONSIDERATIONS*

Samuel Lima da Silva¹
(PPGEL/UNEMAT)

RESUMO: Estudo acerca das implicações do sexo no romance *Em nome do desejo* (1985), de João Silvério Trevisan, procurando estabelecer considerações sobre o gênero romance, bem como questões que são caras ao tema da história da sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Romance, *Em nome do desejo*, João Silvério Trevisan, Sexualidade.

ABSTRACT: Study of the implications of sex in the novel *Em nome do desejo* (1985), by João Silvério Trevisan, seeking to

¹ Doutorando em Estudos Literários na Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. Bolsista CAPES. Contato: samuellds@live.com.

establish considerations about the novel genre, as well as issues that are expensive to the subject of the history of sexuality.

KEYWORDS: Novel, Em nome do desejo, João Silvério Trevisan, Sexuality

Um sexo (des)construído – o romance no esteio da sexualidade

Pensar o sexo é, invariavelmente, pensar o corpo. Acerca desse corpo, é possível assimilar que foi solidificado como um construto condicionado pelo processo de construção da(s) identidade(s) que o indivíduo vivenciou ao longo dos séculos. Tais proposições nos situam num posicionamento histórico-crítico que, com efeito, torna pertinente um esboço, uma síntese do modo como o tema da homossexualidade tem sido tratado no decorrer da história da humanidade. *Em nome do desejo* (1985) é um romance cujos alicerces narrativos estão centrados na conjuntura do amor homoerótico, bem como na descoberta da sexualidade, do corpo e do desejo; é necessário, portanto, voltarmos nosso olhar para o tema da sexualidade na sociedade, de modo a compreender, ainda que de forma breve, como a civilização absorveu a condição da homossexualidade, com suas aporias e concomitâncias.

O tema do amor homoerótico na obra *Em nome do desejo*² é tecido por meio de uma série de fatores que, somados, aportam-nos numa zona conflitante entre sexualidade e sociedade, desejo e proibição. A civilização, com sua ditadura e padrão heteronormativos, nocivamente conduziu a perspectiva da condição homossexual como algo associado à margem, ao limbo, mais especificamente, ao gueto; quanto mais visibilidade os homossexuais almejavam, mais intenso se tornava o movimento que camuflava, que oprimia suas inserções mais diretas no contexto moral e ético da sociedade.



Outro fator interessante quanto à problematização do homoerotismo na literatura – e que evidentemente não podemos deixar de perceber – é a consolidação do gênero romance. Se a literatura homoerótica é considerada marginal, muito dessa percepção advém da forma como o romance se estabeleceu ao longo dos tempos. Conforme Junkes:

Se na Grécia clássica, há mais de dois milênios, se constituíram e consolidaram os três gêneros literários institucionalizados por Aristóteles: o lírico, o épico e o dramático, e se a poesia e o teatro permaneceram como gêneros substantivos, o gênero épico apenas subsistiu na sua qualidade adjetiva, pois, na sua afinidade com a cultura clássica, cedeu, **com a ascensão da sociedade burguesa, ao romance.** (JUNKES, 1997, p. 131). (Grifo nosso).

O gênero romanesco pode ser considerado de firmação heterossexual, pois teve sua consolidação por meio da ascensão da burguesia. Esse firmamento, ou seja, essa sua caracterização em moldes heteronormativos, acaba por tornar a literatura que aborda indivíduos homoeroticamente inclinados cada vez mais sedimentada. Embora saibamos que cada época possui um discernimento distinto acerca do que é ou não aceitável, é possível asseverar que a homossexualidade, seja na sociedade, seja na literatura, passou a obter maior representatividade somente da década de 2000 em diante, quando escritores tiveram suas obras redescobertas e trazidas para o âmbito acadêmico, transformando-se em objeto de pesquisas. Situação esta que é possível graças à intensificação do movimento LGBT e à discussão cada vez mais difundida sobre os relacionamentos homoafetivos.

É fulcral que nos reportemos à questão do apedrejamento dos indivíduos homoeroticamente inclinados; é um elemento não muito discutido no romance, e que foi construído pelas contingências que uma sociedade heteronormativa dominava – e indubitavelmente ainda domina. Trata-se de uma ideologia que foi impelida à sociedade

de forma ora incabível, ora camuflada de um ar de cientificidade sem preceitos ou lógica. Tratemos, inicialmente, do primeiro ponto a ser considerado no âmbito do painel da história da sexualidade, a saber: a reprodução. Conforme Foucault:

O século XIX e o nosso foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidades, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais. Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã, e a lei civil. Eles fixavam, cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e o não ilícito. (FOUCAULT, 1988, p. 31).

Foucault argumenta sobre a questão do conceito de reprodução e seu imperialismo no que concerne à problemática da sexualidade. A discussão em torno da reprodução humana é, basicamente, a unidade geradora de todas as polêmicas acerca da homossexualidade, principalmente nas esferas políticas e/ou religiosas. Se no século XVIII, tal como o próprio autor explica, a divisão, essa separação entre o lícito e o ilícito, começara a se formar, o século XIX se presentificou como a era das “implantações”, das nomenclaturas que carregavam uma intensa carga negativa, capaz de oprimir e configurar o imaginário social sobre a questão do certo e errado. O embate entre as três instâncias supramencionadas (o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil) foi cada vez mais potencializado e, por conseguinte, culminou no direcionamento à ordem médica da condição homossexual, ou seja, em sua implementação no catálogo internacional de doenças. Somente em 1981, já no século XX, foi refutado e excluído do registro.

Submergir nesse universo histórico da sexualidade, tendo como prioridade a circunspeção da homossexualidade, é caminhar numa via de mão dupla, numa vereda que se caracteriza pelo embate entre a

já supracitada reprodução e a união entre indivíduos do mesmo sexo. A família, com seu modelo heteronormativo, catalisa na sociedade a reprodução como fator indispensável não apenas para a sua constituição, mas também como via de regra para a mulher. Essa norma pré-estabelecida foi crucial para que, ao longo dos séculos, o repúdio em relação aos homossexuais fosse cada vez mais potencializado. Não por acaso, a problemática instaurada no romance de Trevisan não se centra somente no desejo homoerótico entre dois meninos, mas sim numa corrente que o estratifica junto às aporias sociais que foram, e ainda são, foco de suas principais divergências – a família e a igreja. Faz-se pertinente, portanto, nessa parte da argumentação, reportarmos-nos com um pouco mais de veemência à teoria de Costa sobre o termo homoerotismo. Nas palavras do autor, acerca do estudo de Richard Parker, o erotismo é:

[...] a experiência da atração sexual e a descrição dos atos e afetos engajados nessas práticas, conforme a percepção e a linguagem do senso comum. Sexualidade, em contrapartida, é um construto teórico, nascido da racionalidade científica ou com pretensões à cientificidade. O erotismo é uma experiência orientada por finalidades ético-estéticas que visam constituir domínios eróticos onde os prazeres proibidos ou permitidos não obedecem à codificação moral criada pela ciência. De modo semelhante, diria, o homoerotismo oitocentista foi o terreno prévio formado pela prática amorosa entre pessoas do mesmo sexo biológico, terreno onde se deu intervenção dos agentes de produção do homossexualismo. O que não quer dizer que, antes dessa intervenção, o homoerotismo exprimisse a *verdadeira* natureza dos amores masculinos. **Nunca houve algo assim, como um homoerotismo puro, livre de coerções ideológicas e representante da autêntica essência do sexual.** (COSTA, 1992, p. 44). (Itálico do autor). (Grifo nosso).

Se nos ativermos com acuidade às palavras de Costa, é possível perceber a completude que a concepção dos amores masculinos, principalmente no que concerne ao campo literário, pode alcançar sem que estes encontrem-se num limar de desolação, de assolação

do próprio corpo. Ao lermos que nunca houve um homoerotismo puro, livre de coerções ideológicas, acabamos por nos posicionar contra toda uma história da sexualidade que sempre relegou ao abismo essa prática sexual. É fundamental ressaltarmos que não basta compreendermos como a homossexualidade se desenvolveu no campo extraliterário sem que primeiramente a abranjamos no contexto literário, haja vista que é a égide sob a qual estamos envolvidos.

O homoerotismo abarca toda uma série de conceitos e acepções do desejo humano. É um termo empregado ao universo artístico, em que o erótico se manifesta de diversas formas. Deste modo, é preferível a utilização deste termo, principalmente em panos literários, em que o desejo atinge instâncias variadas e passíveis de análises. Wilton Garcia desenvolve um conceito interessante denominado *homoarte*. Vejamos:

[...] O conceito de *homoarte* deve ser compreendido como um grande guarda-chuva que abarca a diversidade de imagens, experiências, práticas, teorias, subjetividades, formas e conteúdos para além de arte homoerótica, da qual não se configura como sinônimo textual. A *homoarte*, aqui, negocia uma noção que amplia e representa sua designação, tanto para arte homoerótica quanto para arte gay, arte lésbica ou arte *queer*. Dito de outra forma, esse conceito deve ser visto lido como um leque de possibilidades enunciativas sobre a dinâmica de alteridades homoeróticas, cujas resultantes deslizam sobre as estratégias deslizam sobre as estratégias discursivas. (2004, p. 15).

A opinião de Garcia, esse conceito de *homoarte* que sua obra propõe, acaba por figurar como uma extensão das diversas camadas e dimensões que o conceito de homoerotismo abarca, principalmente no que tange à arte contemporânea. Tal elemento reforça o poder dos estudos de envergadura homoerótica e a possível criação, muito em breve, de um estatuto crítico, haja vista o crescente volume de pesquisas relacionadas à essa temática não apenas no Brasil, mas no mundo. Esse volume de estudos de gênero

que vem ocorrendo nas universidades traz à tona uma questão relevante e pertinente ao assunto, qual seja: a ideia de homoerotismo conseguirá se firmar como estatuto da mesma forma que os estudos feministas se tornaram? Se pensarmos o homoerotismo como uma estética latente, pungente, que carrega consigo uma carga histórica e cultural, repleta de reflexões e mecanismos sociais, a resposta à indagação seria sim. Todavia, se pensarmos de uma maneira retrógrada e pejorativa, o perigo é cair num entre-lugar do qual não haverá força o suficiente para emergir.

Destarte, no âmbito da perspectiva sócio-histórica da sexualidade, o que aflora não é a constituição do que atualmente se entende por homossexual, mas sim como essa conformação foi, na verdade, fruto de uma imposição feita pelas camadas mais poderosas, detentoras de um poderio burguês no qual se estratificava o heteronormativo como paradigma, algo inquebrável, indissolúvel. Partindo-se dessas proposições, dessa ideia de sexo construído, outro ponto passível que se intersecciona nessa encruzilhada é referente àquilo que Foucault denominou de objeto de prazer. Em sua trilogia sobre a história da sexualidade, o autor realiza uma investigação que traz do modelo grego reflexões sobre diversas questões associadas à sexualidade. No segundo volume há uma parte, em especial, que chama a atenção do leitor. Leiamos-na:

As práticas de prazer são refletidas através das mesmas categorias que os campos das rivalidades e das hierarquias sociais: analogias na estrutura agnóstica, nas oposições e diferenciações, nos valores atribuídos aos respectivos papéis dos parceiros. E pode-se compreender, a partir daí, que há, no comportamento sexual, um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade. (FOUCAULT, 1988, p. 190).

O autor trata, no excerto acima, daquilo que podemos denominar como relações de poder no contexto da relação sexual.

Para Foucault, o ato sexual entre homens figura como um espelho da sociedade rivalizada e condicionada por hierarquias; há, na figura do dominador, a imagem do ativo, daquele que penetra, que invade o corpo do outro. Este, por sua vez, caracterizado como passivo, resulta como dominado, como algo que, em decorrência da dominação masculina, está submetido à condição de dar prazer, de ceder ao amante de forma submissa, leal. A questão levantada também nos permite ancorar a fala de Bourdieu que intitula essa situação como *virilidade* e *violência*. Para este autor, o conceito de ser homem está intrinsecamente ligado à noção de honra, de virtude, tornando a masculinidade como algo que se nivela tendo a rusticidade como pilar de sua condição. Para o sociólogo, “os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante” (BOURDIEU, 2002, p. 31). Compreendemos que a argumentação do autor corrobora o assunto discutido aqui, pois o processo de dominação sexual, também no universo heterossexual, é um fator que incide em todas as formas de sexualidade, visto que é algo que se condiciona, ou seja, que se vincula de forma direta à civilização patriarcal, tal como um parafuso na engrenagem misógina e heteronormativa da sociedade.

Assim, esta discussão nos põe frente à relação entre os protagonistas de *Em nome do desejo*: dois adolescentes que se relacionam amorosamente. No romance de Trevisan, essa ideia de dominador é muito bem construída, tendo a figura de Abel, o jovem “de feições bondosas e um vigoroso brilho no olhar” (TREVISAN, 2001, p. 141), como a presentificação social do indivíduo que domina, visto que ele trata Tiquinho como algo corrompível, um instrumento para lhe proporcionar prazer. Em sua inocência, Tiquinho, a representação do passivo numa relação homoerótica, cede aos pedidos de Abel como se esse ceder caracterizasse uma prova do amor que sentia pelo amante. Abel, em pleno poder masculino, aproveita-se da submissão de Tiquinho para que este lhe dê prazer sempre que queira, caracterizando a relação de ambos –



tal como afirmado pelos autores acima – como dominador *versus* dominado. Muito dessa percepção amorosa de Tiquinho, isto é, dessa ideia de sempre ceder aos desejos do amado, também provém da noção de amor romântico, de fusão total entre duas pessoas que acreditam que uma vá completar a outra, ignorando as decepções, as traições, dentre outros pontos que uma relação amorosa empreende. Leiamos um trecho que comprova a relação de dominação sexual hostil entre os personagens:

— *Como eram esses estranhos duelos?*

— Assim, por exemplo: “Chupa”, ordenava Abel. “Não”, balbuciava um Tiquinho inseguro. “Se você gosta de mim, então chupa” – insistia Abel.

— *Era esse argumento que subjugava Tiquinho?*

— Em muitos casos, sim. Ele ansiava por demonstrar a veracidade de seu amor. **Então Abel vencida**, mas seu contendor, não vertia sangue. Abel é que derramava **sinais de vitória** por todo rosto e boca do pequeno amante. Tiquinho, cujo olfato e paladar aprenderam a deliciar-se com o esperma de Abel, no fundo julgava-se um privilegiado. Mas sentia a sombra de uma certa maldição bíblica. (TREVISAN, 2001, p. 194). (Grifo nosso).

A relação amorosa construída no romance pelo autor acaba por mobilizar essas noções de violência, construção da identidade sexual, do desejo homoerótico que paira sobre os personagens, encerrados no seminário, local em que o corpo do próximo é uma morada misteriosa e punitiva. Por detrás dessa camada literária de Trevisan, tornam-se cada vez mais pertinentes as considerações acerca do processo de sexualidade a que os indivíduos foram submetidos, e também, de como isso cerca a literatura, seja de temática homoerótica ou não. Dentro desse amálgama, reportamo-nos novamente às análises empreendidas por Foucault que, ao abordar os regimes dos prazeres, discute três etapas favoráveis às práticas sexuais. Para o autor:

Trata-se de regimes circunstâncias exigindo muitas precauções para determinar as condições que perturbarão menos o ato sexual, e aquelas nas quais ele afetará menos o conjunto dos equilíbrios. Quatro variáveis são consideradas: a do momento útil para a procriação, a da idade do sujeito, a do momento (estação ou hora do dia), a do temperamento individual. (FOUCAULT, 1985, p. 127-128).

A primeira variável a ser considerada diz respeito ao momento útil à procriação. Não basta o ato em si, mas é necessário que este venha ladeado de precauções, regras e ditames que circunscrevem todo um processo reprodutivo. Há uma série de normas a serem cumpridas de forma que o filho venha a nascer carregando as características de seus progenitores. É uma “preparação a longo prazo” (FOUCAULT, 1985, p. 128), na qual o caminho a ser percorrido até a penetração é rígido, envolvendo alimentação, a preparação da alma e a não prática sexual por um determinado tempo, de modo que o esperma esteja mais concentrado visando ao momento da fecundação. Essa primeira variável nos incita um processo reflexivo que, enquanto pertencente ao século XXI, faz-nos perceber que não possuímos práticas sexuais isoladas; tudo é obtido daquilo que se estabeleceu com o passar dos tempos. A questão principal que vigora nas discussões sobre sexualidade é a de considerar o indivíduo como um ser isolado, ignorando-se todo o processo histórico pelo qual passou. É necessário compreender que a forma como a sexualidade era vista no passado, com efeito, ainda reverbera no inconsciente da população. Desta forma, retomamos o enunciado inicial do presente capítulo, que afirmava que pensar o sexo é pensar o corpo, e, acerca desse corpo, devemos assimilá-lo como algo que foi – e ainda vem sendo – construído.

A segunda variável a que Foucault se refere é concernente à idade do sujeito. Nessa instância é notada a questão da faixa etária adequada para a relação sexual. Conforme assevera o autor, há um limiar, um período de aceitação no que tange a essa problemática. Leiamos um trecho que explicita essa situação curiosa:

Não se encontra indicação precisa quanto à idade em que se pode começar a ter relações sexuais. Em todo caso, vários anos devem passar, durante os quais o corpo forma os licores seminais sem que seja recomendável evacuá-los. Daí a necessidade de um regime específico destinado a assegurar a continência dos adolescentes. (FOUCAULT, 1985, p. 132).

A preocupação com a idade para a iniciação sexual é uma das favoráveis que, novamente, aproxima-nos do romance de Trevisan. As ponderações realizadas por Foucault ainda prevalecem na contemporaneidade, não é algo perdido no tempo, deixado pelo caminho. Nem poderia. Tais preocupações dificilmente sairiam da rota dos tabus em qualquer civilização, pois o esquecimento, a abnegação, traria a aceitação como fator implícito na história da humanidade, ou seja, esquecer figuraria como fator de aprovação que o período de iniciação sexual fosse, comumente, cedo ou tardio em demasia.

Em relação a Tiquinho e Abel, essa iniciação se dá de forma dolorosa, inquietante, ferina; garotos que beiram a adolescência e sentem a efervescência do desejo passear pela pele em afluência. Com *Em nome do desejo*, vemos o personagem Tiquinho ter sua iniciação sexual com o jovem colega de seminário e descobrir, por meio das encruzilhadas e dos poemas místicos de São João da Cruz, o orgasmo, a (in)fideliidade, o ciúme, o engano e a despedida.

Abel alternava-se entre o imobilismo e a ansiedade, denunciando evidentemente a mesma perda de equilíbrio, a mesma incerteza sobre o terreno a ser percorrido e as emoções a serem extravasadas. Suas mãos apertavam com desajeitada rigidez o corpo pequeno de Tiquinho. Abraçava-o querendo tomá-lo todo para si. **E resfolegava como um touro indeciso quanto ao momento mais indicado para investir.** (TREVISAN, 2001, p. 167). (Grifo nosso).

No trecho acima é possível observar a primeira relação entre os personagens. A construção narrativa é metafórica, poética, como

quase tudo no romance. O momento da primeira relação é também, ao menos para Tiquinho, o instante da perpetuação do elo inquebrável que terá com o jovem Abel. Esse processo de inquietação sexual não foi inserido por acaso na obra. O ritual sexual entre os meninos é o fio condutor para que a construção da identidade no romance seja moldada e alicerçada sob uma ótica que foge à corrente heteronormativa que assola a sociedade. O diferente, principalmente quando diz respeito ao campo da sexualidade, torna-se o errado, o proibido, o indefensável.

A penúltima das variáveis é a que diz respeito ao momento favorável. Pode-se pensar, num primeiro momento, que esta esteja associada à primeira, mas tal estreitamento não ocorre. Se a primeira variável referir-se-ia ao momento adequado, sendo o momento do corpo, da mente e do espírito, esta última se refere às horas, ao tempo propriamente dito. O autor comenta sobre as estações do ano, elencando quais são as especificidades de cada uma delas para o ato sexual. O que se nota, quase que sumariamente, pelo contato com a história da sexualidade – por meio dos textos de Foucault – é um compêndio simbólico sobre o sexo que, visto sob uma perspectiva diacrônica, causa espanto, mas também admiração, visto que a sexualidade era ritualizada como algo a ser priorizado, enxergado com valoração; era como se o sexo fosse a construção do futuro e não um ato ocasional, sequer passional.

A última variável é também a mais curiosa. É aquela que mais pode ser considerada como corroborante em relação à ideia de uma sexualidade construída, calcificada numa série de jogos eróticos que ajudaram o indivíduo a se estabelecer em um dado contexto histórico. Para Foucault, “em torno da atividade sexual, e para que seja conservado o equilíbrio que ela corre o risco de comprometer, deve-se sujeitar a todo um modo de vida” (1985, p. 134). São listadas, em sua maioria, atividades que envolvem desde o que beber e/ou comer, passeios, bem como banhos cuja temperatura da água é excessiva; todas são condicionadoras da adequação do corpo para



que aquilo que se espera do sexo seja alcançado, sendo o resultado, na maioria das vezes, a reprodução.

Essas quatro válvulas reguladoras da libido, esse regime dos prazeres – tal como o próprio autor aponta – é, em resumo, a concepção psicológica e mental de um dado grupo social acerca do corpo e suas encruzilhadas. A falta de conhecimento científico da época, levando-se em consideração o século e o modelo de civilização abordado pelo autor, traduzem-se numa esquematização ritualística e cerceadora. Dá-se a impressão de que o amor, o sentimento que une os seres humanos, foi revogado, sendo quase que inexistente no regime de prazeres estratificado.

Se o modelo grego supraexposto ainda se reflete, independentemente da forma, no imaginário social, o que descamba na sociedade vigente não são as formas, as preocupações com uma série de metodologias que esboçam um significado amplo, mas sim um crescimento ou um descortinamento dos indivíduos *gays*. Denilson Lopes afirma que:

Se o século XX foi o século das mulheres, o que não quer dizer que não haja muito ainda por avançar em matéria de conquistas e direitos e valores, o século XXI bem pode ser aquele em que a homossexualidade se institucionaliza e se estabiliza socialmente. No Brasil dos anos 90, os jornais e telenovelas exploraram mais o tema embalados pela polêmica suscitada em torno do projeto de união civil entre pessoas do mesmo sexo [...] o movimento gay politicamente engajado se ampliou constituindo a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis) que no ano 2000 com mais de 80 grupos filiados.

O que se percebe, a partir do início dos anos 2000, é que se clareia uma nova forma dos ditos *seres da margem* se posicionar. Uma maior visibilidade, principalmente no cenário artístico, condensou-se com outras formas de evidência daquilo que anteriormente se julgava ilícito. Contudo, não procuramos aqui

afirmar que o século XXI é totalmente liberto de qualquer opressão aos homossexuais, nem poderíamos fazê-lo; o que reafirmamos é a visão de que – de um passado recente até o presente – está ocorrendo uma pequena revolução não apenas política, mas também religiosa no que diz respeito à polêmica LGBT. A maior visibilidade desse tema em telenovelas e o crescimento da produção de obras literárias que possuem o amor homoerótico como enredo são corroborantes para que haja, ainda que paulatinamente, uma desconstrução da concepção sexista e arbitrária que ronda nossos caminhos.

No entanto, ainda prevalece a ideia de “perversão” associada à prática do sexo homossexual. Provavelmente seja esta a unidade de todo o processo negativo de que os indivíduos homoeroticamente inclinados foram e são vítimas até os dias atuais. A falsa ideia de pecado associada à pandemia da AIDS figurou como uma sombra ainda maior em relação à luta dos direitos homossexuais não apenas no Brasil, mas no mundo todo. É interessante que percebamos a representação da descoberta do vírus HIV no âmbito da história dos homossexuais.

Se o imaginário social sempre foi assolado pela conduta heteronormativa, a AIDS surge nesse contexto de forma a pôr os homossexuais cada vez mais à margem. O gueto passou a figurar nas clínicas, nas sessões de terapia e nas farmácias. Contudo, a AIDS proporcionou uma maior visibilidade à comunidade LGBT, pois estes passaram a estampar capas de revistas, jornais, dentre outros meios de comunicação. A partir desta evidência, pode-se perceber que a revolução dos direitos homossexuais anteriormente aludida começou a tomar forma de maneira mais incisiva. É fato que estabelecer uma associação entre a doença e os homossexuais nada mais é do que uma estratégia de dominação masculina, no intuito de massacrar cada vez mais o cidadão homoerótico. Assim, o que não podemos deixar de apreender de uma história, de uma trajetória homossexual é que, embora a sexualidade humana seja engessada



por uma construção paradigmática e cristã, é necessário que essa *minoría* esteja disposta, cada vez mais, a lutar, não pela imposição do desejo, o que por si só já seria uma tarefa inglória, mas por uma compreensão menos destrutiva e mais compreensiva da sexualidade humana.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício** – estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

_____. **A face e o verso**: estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escuta, 1995.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. J. A. Guilhon Albuquerque. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, vol. 1, 2001.

_____. **História da sexualidade**: o cuidado de si. J. A. Guilhon Albuquerque. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, vol. 3, 2002.

_____. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. J. A. Guilhon Albuquerque. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, vol. 2, 2001.

GARCIA, Wilton. **A forma estranha**: ensaios sobre cultura e homoerotismo. São Paulo: Pulsar, 2000.

_____. **Homoerotismo e imagem no Brasil**. Editora: U.N. Nojosa, 2004.

JUNKES, Lauro. **Romancistas e a teoria do romance**. Revista Anuário de Literatura. 1997. p. 131-158.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

TREVISAN, João Silvério. **Em nome do desejo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Notas

² Esse texto é parte integrante de minha dissertação de Mestrado (2014), defendida junto ao Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Estudos Literários – PPGEL, da UNEMAT.